

## Pandemia, Cuba e a revolução solidária

### Pandemic, Cuba and solidarity revolution

Alberto Dias Mendes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais e Dr. em História Política pela Uerj. Professor do curso de Direito do Centro Universitário Gama e Souza. E-mail: mendesad@yahoo.com.br.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a atuação solidária de Cuba por meio das pioneiras Brigadas Médicas Henry Reeve no contexto latino-americano de enfrentamento da pandemia da COVID-19. A questão a que nos propomos é discutir e identificar que elementos moveram o país, mesmo com bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, a desenvolver um projeto de tamanha magnitude com uma perspectiva inversa do “distanciamento” e “isolamento”. Foram mobilizadas fontes documentais e bibliográficas que corroboram as reflexões propostas.

**Palavras-chave:** Pandemia, Cuba, Brigadas Médicas Henry Reeve, revolução solidária.

**Abstract:** This article aims to analyze the solidarity of Cuba through the pioneering Henry Reeve Medical Brigades in the Latin American context of coping with the COVID-19 pandemic. The question we propose is to discuss and identify what elements moved the country, even with the economic blockade imposed by the United States, to develop a project of such magnitude with an inverse perspective of "distance" and "isolation". Documentary and bibliographic sources were mobilized to corroborate the proposed reflections.

**Keywords:** Pandemic, Cuba, Henry Reeve Medical Brigades, solidarity revolution.

Artigo recebido em 27/10/2020 e aceito em 20/11/2020.

## A PANDEMIA COMO RESULTADO DE UMA CRISE CIVILIZATÓRIA

*“Uma Revolução não é um mar de rosas.  
É uma luta de morte entre o futuro e o passado”.*

(Fidel Castro, 1961)

O desastre que se abateu sobre a humanidade em 2020, a pandemia do SARS-CoV-2<sup>1</sup>, transmissor da Covid-19, evidenciou uma profunda crise civilizatória cuja gênese e suas consequências podem ser encontradas no estudo da forma como nos relacionamos com a natureza e produzimos os meios de sobrevivência<sup>2</sup>. A análise deve ser confrontada com o passado das sociedades e suas vicissitudes ou idiossincrasias.

As características de transmissão do vírus impuseram, como condição de não propagação, uma quarentena com “confinamento”, “distanciamento social” ou “isolamento” para a maioria da população mundial. Um problema foi evidenciado a partir da decisão de

---

<sup>1</sup> Síndrome Respiratória Aguda.

<sup>2</sup> Não tive objetivo de analisar a gênese da pandemia e as diversas teorias. Pode ser ainda prematuro analisar sem as devidas evidências, conforme afirmaram PETRUCCELLI Y MARE (2020).

paralisação forçada das atividades produtivas, comércio e serviços: a gritante ausência de condições das sociedades contemporâneas em praticar aquela que se dizia a regra mais eficaz para o momento. A des-organização espacial das grandes cidades, fome, miséria, renda pelo trabalho informal, escassez de água potável foram alguns dos fatores que demonstraram a degradante situação em vivia o povo em diversos países, principalmente os mais dependentes, o que dificultava (em alguns casos impossibilitava) o cumprimento das orientações da Organização Mundial de Saúde. A situação agravava-se com a falta de vontade política de alguns governos em investir em melhorias sanitárias para evitar a propagação do vírus.

As condições de sobrevivência demasiadamente desumanas tornaram as narrativas midiáticas de “fique em casa”, “isolamento social” e “cuide-se” frases vazias de sentido, ao mesmo tempo em que a forma discursiva sensacionalista causava mais pânico e medo do que encorajamento. Em alguns países, impôs-se uma falsa dicotomia de “economia vs saúde”, como se pudesse fazer economia sem pessoas saudáveis, por vezes, com um incentivo ao “salve-se quem puder” (BOTTO, 2020).

A irresponsabilidade de determinados governos, alimentados pela lógica hobbesiana de que *o homem é lobo do homem*, ao colocar as disputas políticas e econômicas à frente da vida, permitiu uma catástrofe humanitária. Esta tem, por sua vez, duas dimensões que estão intimamente relacionadas. A primeira é material, que se expressa pelo notório esgotamento de um modelo societário fundado em uma forma de produzir os meios de sobrevivência que é, por definição, concentrador, excludente, desigual, perverso e, portanto, desumano. A outra dimensão eu chamaria moral, expressa pela natureza predatória (BORON, 2005) da relação entre a humanidade e a natureza, imposta pelo sistema econômico hegemônico.

Para o capital, tudo vira mercadoria e, como tal, pode ser comercializado com objetivo de acumulação privada. A fase do imperialismo, com sua versão neoliberal selvagem do século XXI, beira a insanidade destrutiva. O desemprego na América Latina, por exemplo, cresceu de 26 milhões, em 2019, para 41 milhões em 2020, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho. A economia entrou em retração vertiginosa e a previsão é de queda do crescimento na ordem de -9,4%, de acordo com o Fundo Monetário Internacional<sup>3</sup>.

As diferentes ações dos diversos governos, em relação à pandemia, resultaram, por suavez, em distintos números de casos e óbitos por coronavírus. Vejamos a tabela a seguir:

---

<sup>3</sup> Ver *ilo.org* (sigla em inglês).

Tabela 1 – países da América e Europa

	EUA		CHINA		BRASIL		ITALIA		REINO UNIDO	
	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS
15/mar	3.010	22	81.032	3.217	176	1	24.747	1.809	2.626	104
22/abr	839.836	46.399	83.868	4.636	45.757	2.906	187.327	25.085	134.637	18.151
25/mai	1.702.685	99.743	82.985	4.634	365.213	23.102	230.158	32.877	261.184	36.914
27/ago	6.046.634	184.796	85.013	4.634	3.764.793	118.726	263.949	35.463	330.368	41.477
16/set	6.609.770	196.023	90.244	4.736	4.382.263	133.119	289.990	35.633	376.676	41.753

	ESPANHA		FRANÇA		VENEZUELA		CUBA		MUNDO	
	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS
15/mar	7.753	152	5.400	148	17	0	4	0	170.000	7.074
22/abr	208.389	21.717	159.315	21.373	288	10	1.189	40	2.623.231	182.740
25/mai	282.480	26.837	182.942	28.432	1.121	10	1.947	82	5.567.673	346.892
30/mai	286.308	27.125	188.625	28.771	1.459	14	2.025	83	6.153.380	370.870
27/ago	451.792	28.996	259.698	30.576	41.965	351	3.806	92	#####	835.309
16/set	603.167	30.004	433.905	31.007	62.655	502	4.803	108	#####	936.156

Fonte: Johns Hopkins University e Covidvisualizer.com

A partir da tabela 1, cujo levantamento foi realizado pelo autor ao longo do período apresentado, pudemos fazer algumas avaliações sobre o ritmo de crescimento da doença no mundo, bem como algumas inferências sobre o comportamento em cada país. Uma primeira advertência foi sobre a China, primeiro país a reconhecer que tinha o vírus e informar ao mundo, ainda em dezembro de 2019, por meio da Organização Mundial da Saúde (OMS). O alerta ocorreu por médicos que atenderam casos de pneumonia em grau elevado. O governo chinês, imediatamente enviou peritos a Wuhan, cidade que informou sobre os casos. Mesmo com casos aumentando em outros países e já controlados na China, a OMS só declarou a pandemia em março de 2020, tendo em vista os protocolos internacionais.

Conforme alertaram os especialistas preocupados com a vida humana, a única medida naquele momento possível que poderia evitar maior contágio era algo inimaginável: o fechamento (*lockdown*), uma quarentena por confinamento, distanciamento social, com isolamento de pessoas com comorbidades. Os serviços essenciais deveriam obedecer ao protocolo com uso de máscaras faciais e higienização, principalmente das mãos. A identificação do contágio pelo contato com gotículas de saliva ou secreção abriu um alerta nas autoridades sanitárias. A tabela anterior mostrou o ritmo maior a partir de abril, quando a

disputa discursiva foi maior e alguns governos autoritários resolveram desafiar a ciência e criaram a falsa dicotomia entre “economia ou saúde”.

Uma análise mais detalhada possibilitou ainda perguntas como: que tipo de situação é essa que enfrentamos? Por que admitia tantas contradições? Por que Cuba e Venezuela tiveram ritmos de contágios e óbitos menores do que outros países como os Estados Unidos, por exemplo, que se vangloriava tanto de ser uma grande potência?<sup>4</sup>

Precisamos, entretanto, descer ainda mais fundo à realidade para explicar com maior rigor a nossa tese sobre as contradições implicadas na pandemia. Conforme exposto no *Dossiê 28* do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, a “pandemia global deixa às claras as tendências destrutivas do capitalismo em sua fase neoliberal” (2020, p.06), ou seja, poderíamos dizer que o neoliberalismo, como “versão avançada” do sistema capitalista. Ainda a respeito da pandemia, segundo o periódico *Granma*, “a crise multidimensional que ela provocou demonstra claramente o imenso erro das políticas desumanizadas impostas a todo custo pela ditadura do mercado” (2020). A fome e o desemprego são problemas agravados exponencialmente com a situação, conforme chamaram atenção a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Diante desse infortúnio, algumas questões saltam à imaginação: haveria um antídoto para essa crise? Até que ponto poderíamos atribuir ao sistema econômico a responsabilidade total pela crise sanitária?

Os pressupostos estão colocados, pois, na realidade material, em particular na esfera da produção, por meio da qual erigiu uma relação social que opôs o capital ao trabalho, considerado este último como uma atividade social geradora de valor (MARX, 2011). Para o autor d’*O Capital*, analisar o capitalismo com rigor científico significava partir de um princípio ainda mais específico, de uma *unidade* material. Esta *unidade* é a mercadoria, que se expressa por um duplo caráter, a saber, *valor de uso* e *valor (ou valor de troca)*. Esse ponto de partida, segundo Marx, indicaria o fio condutor para a compreensão da sociedade capitalista que havia se consolidado com a Revolução Industrial do século XVIII e suas contradições.

Entre outras leituras, tomando como referencial as teses anteriores de Smith e Ricardo, Marx avançou na análise e seus estudos evidenciaram que o segredo da exploração capitalista não estava apenas na produção em si, mas no resultado do processo de produção-circulação-

---

<sup>4</sup> México, Peru e Colômbia tinham registrado mais de 600 mil casos no momento da escrita desse artigo. Chile e Argentina tinham mais de 400 mil e 500 mil respectivamente. Nenhum deles havia ultrapassado os 100 mil óbitos como o Brasil.

distribuição, onde a mercadoria transformava-se em produto de consumo e o dinheiro, como expressão monetária do valor de troca, assumia maior relevância do que o trabalho. O trabalho, como relação da pessoa com a natureza, é o meio pelo qual a natureza é humanizada e, por consequência, a própria pessoa se humaniza no ato do trabalho. O capitalismo, ao apropriar-se do trabalho, como mão de obra, retira dela sua característica humanitária para impor-lhe um caráter de “produtor de mercadorias” para o mercado consumidor. No primeiro volume d’*O Capital*, Marx foi à raiz do problema da exploração da força de trabalho, que afirmou ser inerente ao sistema capitalista, pois está alicerçado na extração de *mais valor* (mais valia).

Se a mercadoria tem um duplo caráter, a mais-valia tem duas formas que são peculiares: mais valia absoluta e mais valia relativa. A primeira explicita-se pela intensidade da jornada de trabalho para além daquela necessária à produção do valor da mercadoria. Com relação à segunda, está mais oculta no processo de produção, pois é extraída por meio da qualificação do (a) trabalhador (a) e da mecanização dos meios de produção hoje denominada, por vezes, de “novas tecnologias”, o que diminui o tempo de produção, ao mesmo tempo em que eleva a quantidade de mercadorias produzidas. Essa é a forma, grosso modo, como o capitalista extrai mais valor da força de trabalho para acumular capital e manter seu poder político.

O objetivo aqui não é discutir a teoria do valor, mas fazer compreender que ela compõe a essência do debate da falsa dicotomia entre economia e saúde. Pareceu-me muito evidente que a prioridade é a acumulação de capital. Essa lógica acumulativa tende a reproduzir-se na adoção das políticas públicas, notadamente na área da saúde, o que se expressa em ações opostas. Enquanto uns governos investiam em sistema preventivo, outros atuam apenas quando o problema aparece. Do ponto de vista da saúde pública, esse é um elemento fundamental.

Foi por esse caminho que entendemos o vínculo entre a teoria do valor e os sistemas de saúde pública. Nos países onde os governos reproduzem estratégias neoliberais, a tendência foi negligenciar a prevenção e investir em resoluções na medida em que os casos foram detectados. Há um dito popular conhecido que é “criar o problema para vender a solução”. A saúde é, assim, tratada também como mercadoria, vendida por meio de planos privados. No Brasil, por exemplo, durante a primeira fase da pandemia, no segundo trimestre

de 2020, os planos de saúde tiveram lucro de R\$1,3 bilhão<sup>5</sup>. Em campo oposto, nos países com maior preocupação com a vida humana, as medidas buscaram seguir os protocolos orientados para a prevenção do contágio e, por conseguinte, evitar número elevado de óbitos. Essa é uma das respostas que podem explicar o bom desempenho de Cuba e Venezuela, por exemplo, diante da pandemia. Seus governos anteciparam-se, seguiram os protocolos e colocaram em relevo a vida humana.

A situação tornou-se mais complexa pela crise internacional do capitalismo. A emergência econômica da China no cenário mundial, com desenvolvimento de elevada tecnologia e sua rapidez no controle do vírus, alterou o panorama global. O avanço colossal para a tecnologia 5.0 (5G) abriu um alerta no imperialismo, que logo retaliou a empresa Huawei. A China apresentou uma projeção de crescimento em 1,2% nesse ano da pandemia e de 9,2% para 2021(JABOUR, 2020).

Essa conjuntura mundial agravada pela pandemia, inclusive, apontou para um retorno de movimentos de inspiração nazi-fascista, com estratégias diversionistas por vezes intituladas como “guerras híbridas” (KORIBKO, 2018). O nazi-facismo, por sua vez, pode não se repetir nas mesmas condições históricas, mas pode “naquilo que lhe é essencial”, advertiu Vianna (2018). O avanço da extrema direita, com uma tática negacionista, criou dificuldades maiores para os organismos internacionais no enfrentamento sério ao coronavírus, tendo em vista criação de discursos evasivos, por vezes com falsas informações. Na América Latina não foi diferente, o que contrastou com ações humanitárias como o exemplo de Cuba.

## **AMÉRICA LATINA E CARIBE E OS VALORES DE UMA REVOLUÇÃO**

Até aqui analisamos a pandemia no contexto da crise que vive o imperialismo. Vamos analisar agora a situação na América Latina. O Brasil foi o primeiro país latino-americano a registrar caso de COVID-19. As veias de nossa América continuam abertas e o sangue sugado pelo capital monopolista mundial. Em abril, um mês depois da oficialização da pandemia, a América Latina registrou 213 mil casos de coronavírus, com 11.100 mortos aproximadamente<sup>6</sup>. No início do mês de outubro de 2020, a região já registrava 10.470.495

---

<sup>5</sup> *Correio Brasiliense*, 25/08/2020.

<sup>6</sup> *Brasil de Fato*, 30/04/2020.

infectados, com 380.038 falecidos<sup>7</sup> durante os meses da pandemia. Só o Brasil foi responsável pela metade desses números, registrando 5,2 milhões de casos e 153.905 até meados de outubro<sup>8</sup>. Os números registrados em alguns países foram os que seguem abaixo, conforme levantamento feito pelo autor:

	Equador		Peru		México		Argentina		Colômbia	
	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS
Abril	26.336	1.063	37.000*	4.370*	17.799	1.732	4.201	207	6.507	293
Outubro**	156.423	12.395	868.675	33.759	851.227	86.167	989.680	26.267	959.572	29.102

\*dados de maio de 2020 (uol)

	Panamá		El Salvador		Nicarágua		Guatemala		Honduras	
	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS	TOTAL	OBITOS
Abril	6.378	178	395	9	60*	4*	585	16	771	71
Outubro**	124.745	2.574	31.666	926	5.353	154	101.599	3.541	88.425	2.568

A primeira coisa que se deve atentar é para a população de cada país, a fim de fazer a proporção mais adequada em relação à evolução da doença no período estudado. Quatro países apresentaram crescimento vertiginoso de casos e óbitos, Peru, México, Argentina e Colômbia. Todos eles superaram meio milhão de casos, sendo que os dois últimos estão próximos de um milhão de casos. Outro fato comum entre eles, isso inclui o Brasil, é que a curva de contágio acentuou-se a partir do mês de julho, o que pode estar associado à pressão pela abertura de setores como comércio e serviços, além de entretenimento, além da irresponsável desobediência dos negacionistas.

Como Brasil, Cuba e Venezuela já constaram da tabela 1, não foi necessário repetir. O Chile tornou-se um caso à parte, pois passou a pandemia em estado de exceção, por um golpe de Estado que colocou no governo o direitista Sebastián Piñera. O país, que iniciou a pandemia com o fechamento dos aeroportos, apresentou em outubro 493.305 casos e 13.767 óbitos<sup>9</sup>. A Bolívia, por sua vez, também esteve em processo eleitoral, após um dos mais duros

<sup>7</sup> Dados da *Telesur*, 19/10/2020. Reiteramos que todos os órgãos de controle, na época, confessavam que havia subnotificação que podia chegar a 30 para cada caso notificado (ver *folha.uol* de 02/04/2020). Registre-se que o número de indivíduos recuperados até outubro foi de 8,9 milhões, segundo *Telesur*.

<sup>8</sup> Dados da Johns Hopkins University.

<sup>9</sup> A fonte dos números é Johns Hopkins University.

golpes de Estado que, de forma criminoso e violenta, retirou Evo Morales da presidência e impôs um governo ilegítimo comandado por Jeanine Áñez.

Como se pode observar, não foi apenas a pandemia que aterrorizou a população latino-americana, mas também a onda de extrema direita, cujos métodos violentos, personagens e discursos assemelhavam-se nos diversos países por onde passou. A elevação do número de casos e óbitos deixou dúvidas se não seria uma estratégia articulada: ausência de testagem em massa; proposta de “imunização de rebanho”; incentivo à desobediência aos protocolos, por vezes de forma violenta; retenção de investimentos para enfrentar a crise; negação da ciência; uso de redes sociais para disseminação de notícias falsas. Nos países de governos de direita, como Brasil, o próprio poder público encarregou-se das medidas que agravaram a situação. Nos países que promoviam um melhor controle da pandemia, as ações eram sabotadas por movimentos que tentavam desestabilizar politicamente os governos, como o da Argentina, que decretou o fechamento completo no início, mas sofreu pressões por opositores que promoveram protestos com aglomerações, o que facilitava a propagação do vírus.

Em meio à nova “luta de classes” que assolou a América Latina, a pandemia do novo coronavírus acentuou os problemas sociais como desemprego, fome e miséria nos países de regime neoliberal como o Brasil. À pandemia, juntou-se o pandemônio. Não foi, entretanto, o que ocorreu em Cuba. O pequeno país do Caribe, com uma população de pouco mais de 11 milhões de habitantes, esteve entre os que alcançaram os melhores índices de combate à COVID-19. El Salvador, com metade da população de Cuba, teve cinco vezes mais o número de casos e oito vezes mais o de óbitos. Outros fatores também deveriam ser analisados em estudo comparativo, mas esse dado era bastante significativo. Em relação à Cuba, nosso objeto principal de estudo, um conjunto de questões concorrem para o êxito exemplar no combate ao coronavírus, entre elas sua revolução. Ela está na gênese de todas as vitórias da Ilha desde então.

A Revolução Cubana mudou, definitivamente, o equilíbrio de forças na região e no mundo. Segundo Mendes (2018),

A Revolução Cubana foi o fato histórico de maior impacto na América Latina após a Segunda Guerra Mundial: (a) alterou a lógica do poder continental; (b) rompeu o paradigma dos partidos comunistas como dirigentes da revolução; (c) desencadeou o novo método da *Guerra de Guerrilhas*; (d) atualizou conceitos como marxismo e revolução; (e) converteu em realidade histórica o sonho da esquerda latino-americana; (f) forçou a adoção de novos parâmetros nas relações internacionais; e (g) introduziu, de forma mais eficaz e prática, o socialismo na América. Do ponto de vista interno, ela destruiu as estruturas de exploração capitalistas, desmontou os

esquemas de corrupção e inaugurou uma nova forma de democracia: o poder popular.

Cuba não foi a primeira nem a última revolução “proletária e camponesa” da América no século XX, mas, certamente, foi a que teve mais êxito e virou o século XXI com sua vitoriosa forma de governar. Além dos aspectos já elencados, a Revolução Cubana uniu dois princípios muito de inestimável valor aos seus combatentes, a solidariedade e o internacionalismo. Um novo mundo possível poderia emergir sob as bases da solidariedade internacionalista ou do internacionalismo solidário. Analisar o comportamento de Cuba em sua totalidade frente à pandemia não é possível se não compreendermos as raízes de sua revolução e os valores que dela emanaram. A base fundamental constitui herança de José Martí, cujos ensinamentos reforçavam que “Pátria é humanidade”.

A ação solidária promovida por Cuba, por meio do envio de equipe de saúde especializada para vários países do mundo, subverteu a lógica da irracionalidade ocidental-moderna-capitalista que naturalizou o egoísmo e o individualismo. A iniciativa solidária das “Brigadas Médicas Henry Reeve”<sup>10</sup> representou, para nós, uma ação contra-hegemônica aos princípios individualistas e egoístas do imperialismo que apontaram em dois sentidos. Do ponto de vista externo, evidenciou o socialismo como alternativa de modelo societário e incentivou a integração regional e mundial. Do ponto de vista interno, a ação humanitária solidária reforçou o desenvolvimento de valores humanitários, revolucionários e a autoestima da sociedade, com um apelo ao “orgulho de ser cubano”<sup>11</sup>.

Nos primeiros anos da Revolução, Che Guevara esteve à frente do Banco Nacional e foi muito crítico às teses sobre a teoria do valor que não modificasse as bases associadas ao dinheiro, ao salário como finalidade material e, portanto, objetivo a ser alcançado pela sociedade. Para ele, a construção do “homem novo” se daria pela rejeição aos princípios que regem o capitalismo, como a apresentada na primeira parte de nossa apresentação. O projeto societário de Che Guevara passava por “proclamar o fim da dominação, unido ao término do egoísmo e individualismo” (2011). A análise profunda e crítica que Che Guevara realizou em sua carta a Quijano, em 1965, resultou em relevante documento histórico conhecido como “o

---

<sup>10</sup> Passarei a denominar “Brigadas Médicas Henry Reeve” ou apenas “Brigadas Médicas” à que foi oficialmente criada, em 2005, sob o título *Contingente Internacional de Médicos Especializados em situações de desastres e graves epidemias “Henry Reeve”*.

<sup>11</sup> Campanha promovida em Cuba durante a pandemia (ver *granma.cu*)

socialismo e o homem em Cuba”, onde Che apresentou suas considerações acerca da construção de uma nova dimensão humana.

A nova sociedade, afirmava Che, precisa concorrer duramente com o passado. O processo exigiria educação e reeducação constante das massas. Para ele, por trás de todo processo reside a teoria do valor associada ao dinheiro e, como tal, precisava ser rechaçada, a fim de não permitir o avanço dos valores capitalistas. A mercadoria, conforme vimos, é a “célula da sociedade capitalista” e de todas as formas o capitalismo busca transformar cada produto em mercadoria. No fim, até mesmo a força de trabalho transforma-se em mercadoria, debaixo das relações sociais de produção. Os serviços, por sua vez, como saúde, educação, transporte, dentre outros de grande necessidade para a população, são transformados em mercadoria, para que possam deles extrair valor. Para “se construir o comunismo”, concluía Che, é preciso “criar um homem novo”.

A Revolução Cubana não foi, nesse sentido, uma “excepcionalidade” (GUEVARA, 1962). Ela foi vanguarda e ainda persiste, aprofundando-se em cada ação humanitária, como a que vimos com as Brigadas Médicas. Os precedentes históricos remontam 1961, quando o governo cubano adotou o programa de “Brigadas de alfabetização” e uma multidão de voluntários de várias idades contribuiu para erradicar o analfabetismo da ilha, com a insígnia “Yo, si puedo” (Sim, eu posso)<sup>12</sup>. Na área da saúde, a incrível percepção de Fidel Castro orientou os investimentos do governo para a construção de sua autonomia e desenvolvimento de profissionais com *expertise* suficiente para trabalhar em catástrofes ou graves epidemias. Mais uma vez, a perspicácia visionária de Fidel repetiria suas palavras proferidas quando da defesa em relação ao assalto ao Quartel Moncada: “A história me absolverá”.

## **O PROTAGONISMO CUBANO NA PANDEMIA: BRIGADAS HENRY REEVE**

A amplitude e profundidade da visão de Fidel Castro proporcionaram a Cuba um protagonismo inigualável em relação a duas áreas principais: saúde e educação. No campo da saúde, o princípio da prevenção foi elemento-chave para o governo cubano, pois permitiu antecipar-se aos acontecimentos e impedir regressões, crises ou derrotas. Prevenir tem um significado muito profundo e, por vezes, é negligenciado pelas sociedades ocidentais, tendo em vista que a prevenção é, por natureza, inimiga do sistema capitalista. A Revolução,

---

<sup>12</sup> O método é utilizado no Brasil pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) com êxito.

talvez como a primeira grande contribuição em saúde pública, que possibilitaria os ambiciosos programas educacionais desenvolvidos nas ciências médicas em mais de seis décadas, introduziu o conceito de universalização do ensino médico, integrando estudantes de medicina e a enfermagem durante o processo de formação para as unidades de ensino, o que também permitiu massificar os programas de capacitação de recursos humanos na área da saúde. Foram criados os pressupostos humanistas que configuraram a Faculdade de Medicina de Cuba, estabelecendo a prevenção como conceito primordial do sistema de saúde no cuidado, a fim de eliminar as defasagens da velha medicina, que tratava a doença e não o doente. Da mesma forma, a criação de centros científicos foi orientada para a atenção sistemática das atividades científicas, cujas investigações responderam às necessidades do país, a curto e longo prazo; as diretrizes gerais foram elaboradas e os recursos materiais e humanos foram garantidos para o sucesso dessas tarefas. (González González, 2020)

Entre os projetos mais promissores, Cuba destacou-se pelo “médico de família”, uma forma revolucionária de prevenir a doença por meio de cadastros e visitas à população de determinada área geográfica. O país investiu alto em pesquisas e construção de centros e laboratórios que fomentassem a investigação, o que resultou em medicamentos eficazes para vários tipos de doenças. Cuba está, ainda, entre os primeiros países a testar uma vacina contra a COVID-19, a Soberana 1.

No que tange à saúde, organismos internacionais como a FAO e OMS acrescentaram que a fome e a falta de saneamento são fatores preponderantes para a disseminação de doenças. Não precisa ser cientista para concluir que, ao resolver o problema da fome e do saneamento, o percentual de pessoas acometidas por doenças diminui consideravelmente. Segundo a OMS (2017), “três em cada dez pessoas não têm acesso à água potável” o que dificultava sobremaneira a higiene, ainda mais em momentos de pandemia. Após o 1º de janeiro de 1959, Cuba investiu para não apresentar mais esse problema. As doenças não são mais aquelas associadas à pobreza, mas as que afetam a humanidade independente de modelo econômico.

A criação das Brigada do Contingente Internacional de Médicos Especializados em situações de desastres e graves epidemias “Henry Reeve” são, por assim dizer, um fator preponderante na luta internacionalista, mas também no aprofundamento de uma nova sociabilidade. Elas representam o protagonismo cubano na área da saúde, principalmente. A escolha do nome, por sua vez, não foi por acaso. Como diria Bourdieu (1989), o poder simbólico pode “construir uma realidade” e ajudar a estabelecer um “sentido imediato do mundo”. O nome de Henry Reeve significou muito mais do que um indivíduo, pois nele estão contidas uma ideia e uma perspectiva. Ele foi um norte-americano que chegou ao posto de General de Brigada ao combater os espanhóis na guerra de independência cubana. Reeve foi

considerado herói de guerra porque lutou até o esgotamento, inclusive quando havia perdido uma das pernas e amarrava-se ao cavalo para lutar honradamente.

O projeto, concebido por Fidel Castro, guarda um significado maior do que aquilo que podemos ver. Uniu uma multiplicidade de fatores que representaram um certo “espírito” revolucionário. Entre esses fatores estão o voluntarismo e a solidariedade, como princípios de uma nova humanidade, a partir do internacionalismo solidário. Com Fidel na presidência, Cuba enviou ajuda humanitária para o Chile, em 1960, quando um terremoto devastou o país e enviou soldados para a luta na Argélia contra o colonialismo francês em 1961, quando a própria ilha era atacada pelos mercenários norte-americanos em Praia Girón. De meados da década de 1970 até final de 1980 Cuba enviou um total de 300 mil soldados para lutar contra o Apartheid na África do Sul. Além desses, Cuba também atuou no Congo, na Guiné Bissau e tantos outros países. Sob a coordenação de Fidel, Cuba ainda protagonizou a *Operación Milagro*<sup>13</sup> que consistiu em ação humanitária na América Latina para operar catarata em pessoas pobres, sem condições de financiar a cirurgia. Em tempos de globalização, o lema cubano é “globalizar a solidariedade”.

O voluntariado também tem raízes nos pensamentos de Che Guevara e nos exemplos do Comandante em Chefe da Revolução, Fidel Castro, que denominou a medicina como uma “nobre atividade humana”. No discurso proferido quando da criação das Brigadas, Fidel afirmou:

Nem o clima nem o potencial genético são a causa da tragédia. Cuba, país tropical, de clima caloroso e úmido, mais propício a vírus, bactérias e fungos, mistura de etnias sua população, submetida a um bloqueio cruel e a uma guerra econômica durante quase meio século, mostra, apesar de tudo, um índice de mortalidade infantil menor de 6 em cada mil nascidos vivos em seu primeiro ano de vida, abaixo do Canadá por uma estreita margem, e caminha para chegar a menos de 5 e, talvez menos de 4 em um futuro não longínquo, para ocupar o primeiro lugar do continente. Ao mesmo tempo, demorará metade do tempo que empregou a Suécia e o Japão para elevar de 70 para 80 anos sua expectativa de vida, que hoje chega aos 77,5 anos. Os seus serviços médicos têm elevado essa expectativa em quase 18 anos a partir de, aproximadamente 60 anos, quando do triunfo da Revolução, em primeiro de Janeiro de 1959. (CASTRO, 2005)

Em plena era de revolução científico-técnica, que os países mais ricos têm plenas condições de constituir o contingente ou até maior, Cuba, com desenvolvimento econômico limitado pelo bloqueio, adotou um programa dos mais revolucionários, formar médicos para atuar em outros países para salvar vidas. Segundo Castro (2005),

<sup>13</sup> Ver <https://www.operacionmilagro.org.ar/nueva/>, acesso em 10/10/2020.

O Contingente “Henry Reeve” pode não só apoiar a população em casos de furacões, enchentes e outros desastres naturais similares. Determinadas epidemias constituem verdadeiros desastres naturais e sociais. Chega dizer, por exemplo, o dengue hemorrágico, que açoita um número crescente de países latino-americanos, privando da vida nomeadamente crianças, e outras novas e velhas doenças graves, das que podemos e devemos conhecer as maneiras mais eficientes de combatê-las. Existe em particular, uma terrível epidemia — chamemo-la assim — que açoita o mundo: a Adis. Ela ameaça de liquidar nações inteiras e inclusive extensas regiões continentais. Na prevenção e na luta contra essa doença, Cuba ocupa um lugar destacado no mundo. Examinando o índice que prevalece neste hemisfério, pode-se apreciar que há países com um nível médio de infecção, onde a prevalência da Aids no ano 2003 – foi a última publicada — pode ser 2,4 %, 2,3%, 3,2%, da população adulta entre 15 e 49 anos. Não cito nomes, por razões óbvias. Noutros a infecção é ainda mais alta. O melhor índice depois de Cuba é 0,6%. Também não cito nome. Em Cuba é 0,07%, quer dizer, 8,6 vezes menor prevalência que o país que mais se aproxima.

Com uma visão ampla e estratégica, Castro percebeu que o imperialismo estava esgotado e vivia da miséria dos povos. Não haveria saída para a humanidade que não fosse pela ajuda mútua, pelo trabalho solidário. Há um século, Hilferding (1985) afirmou que a superação do capitalismo, em sua fase imperialista, não se daria pelo campo econômico, mas político e social, devido ao avanço das forças produtivas e o elevado grau de fluidez do valor, que ele chamou de capital fictício.

Cuba contou, em 2020, com 14 Brigadas Médicas Henry Reeve, com um efetivo de 593 profissionais da área da saúde. Desde sua criação, foram mobilizadas 28 brigadas que atuaram em 22 países, principalmente na África, Ásia e América Latina. Para Fidel Castro, Cuba daria uma demonstração de que “há respostas para muitas tragédias do planeta” (CASTRO, 2005). De acordo com o periódico virtual *Cuba Hoje*, “Mais de 7.950 profissionais enfrentaram os efeitos de 16 inundações, oito furacões, oito terremotos e quatro epidemias, e vale ressaltar três brigadas que enfrentaram o Ebola na África Ocidental”. A experiência dos cubanos com catástrofes sanitárias é, portanto, inegável. Mais ainda, sua opção pela solidariedade internacional, em que pese todos os percalços sofridos, principalmente pelo bloqueio econômico criminoso perpetrado pelo imperialismo norte-americano.

A primeira ação solidária cubana de projeção internacional durante a pandemia foi com relação ao episódio do cruzeiro britânico MS Braemar que pediu ajuda a vários países, pois estava com casos de COVID-19 a bordo e nenhum país permitiu que atracasse em seus portos. Com 682 viajantes e 381 tripulantes, o navio não teve autorização para atracar nem pelos Estados Unidos, ex-colônia inglesa. Cuba estendeu a mão ao mundo, para que pudessem

fazer o traslado ao aeroporto e fossem resgatados de avião, pois a viagem de navio, com o novo coronavírus representava alto risco de contaminação e possíveis óbitos. Para Cuba, a vida vale a pena.

No caso da Itália, o mundo assistia, atônito, ao maior drama que a humanidade poderia passar, a escolha entre quem vive e quem morre. Com corpos e pacientes dividindo espaço nos hospitais lotados naquele país banhado pelo Mediterrâneo, os médicos anunciavam a triste realidade a que estavam submetidos diariamente. No dia 21 de março de 2020, um grupo de 52 médicos viajou para a Itália em uma ação solidária que comoveu o mundo. Eram profissionais que haviam estado na África, na linha de frente contra o Ebola, uma doença gravíssima, o que conferia àquela equipe todo crédito para o combate necessário. No início da pandemia, com o mundo ainda sem muita informação sobre a doença e com a orientação de isolamento, Cuba reafirmou sua coragem e fé na vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo coronavírus revelou contradições infinitas. A forma de combate a ela foi uma demonstração de que Cuba sempre esteve no caminho certo de uma nova humanidade, com valores éticos, morais e humanísticos. As Brigadas Médicas “Henry Reeve” foram formadas em 2005 com objetivos humanitários e sanitários, como exemplo para o mundo.

A contagem de casos e mortos foi acelerada, isto sem contar os casos de países como o Brasil onde houve denúncias de subnotificação. A crise sanitária mundial revelou o esgotamento do capitalismo como modelo e exige uma nova ordem mundial.

As crises do capitalismo são cíclicas, mas ocorrem cada vez mais acentuadas, cujos sintomas são recessão, inflação e os resultados mais desastrosos como desemprego, fome e miséria da classe trabalhadora, hoje precarizada (SANTOS JR, 2018). Em um prognóstico que parece atual, mesmo que escrito em outra época, pergunta-se “Qual seria a evolução possível da crise da América Latina, levando em conta os elementos que a conformam? Em suma, quais são as alternativas que se apresentam aos nossos países imersos nesta situação?”. Estaríamos diante do que Santos Jr. profetizou, de “socialismo ou fascismo”?

A encruzilhada em que nos encontramos, de elevação do tom com que o imperialismo domina o mundo, demonstra que a experiência cubana é uma resposta digna e eficaz contra o terror e a barbárie do capital. Como bem acentuou Botto (2020) “la salida será colectiva o no

será”. O pensamento e a prática humanistas, cujo princípio segue a ideia da solidariedade, tornam-se um golpe fatal na natureza individualista do capitalismo. As Brigadas Médicas “Henry Reeve” constituem, assim, uma perspectiva de integração regional e mundial, cujo objetivo é derrotar o imperialismo e apontar um caminho para a construção de uma virada civilizatória. Este é o desafio das nações e, em particular da Organização das Nações Unidas (ONU), estimular a integração mundial e a solidariedade.

## REFERÊNCIAS

BORÓN, Atílio. **Hegemonia e imperialismo no sistema internacional**. In: \_\_\_\_\_. Nova hegemonia mundial. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

BOTTO, Candelária. La salida sera colectiva o no sera: apuntes para una nueva economia. In: SVAMPA, Maristella et all. **La Fiebre – pensamiento contemporâneo em tiempos de pandemia**. Editorial ASPO, abril/2020, p.199-210.

CASTRO RUZ, Fidel. **Discurso no ato de constituição do Contingente Internacional de Médicos Especializados em situações de desastres e graves epidemias “Henry Reeve”**. Disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/discursos/discurso-no-acto-de-constituicao-do-contingente-internacional-de-medicina-henry-reeve>, acesso em 13/09/2020.

CESAR, Maria Auxiliadora. **“Pátria é humanidade”**: em tempo de pandemia, Cuba se mantém fiel a Martí e Fidel. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/america-latina/64665/patria-e-humanidade-em-tempos-de-pandemia-cuba-se-mantem-fiel-a-marti-e-fidel>, acesso em 10/09/2020.

CUBA. **Discurso no ato de constituição do Contingente Internacional de Médicos Especializados em situações de desastres e graves epidemias “Henry Reeve”**. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2005/por/f190905p.html>, acesso em 13/09/2020.  
CUBA HOJE. Disponível em: <https://www.cubahoje.com/cuba-tem-14-brigadas-medicas-henry-reeve-com-593-profissionais-em-varios-paises/>, acesso em 13/09/2020.  
ELAM. Disponível em: <https://instituciones.sld.cu/elam/>, acesso em 13/09/2020.

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Eulalia. **Memórias da saúde em Cuba, antes da Revolução sem o bloqueio imperialista**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/14/memorias-da-saude-em-cuba-antes-da-revolucao-sem-o-bloqueio-imperialista>, acesso em 10/10/2020.

GUEVARA, Che. **El socialismo y el hombre em Cuba**. La Habana: Ocean sur, 2011.  
IBGE. Brasil. PNAD contínua, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25702-renda-do-trabalho-do-1-mais-rico-e-34-vezes-maior-que-da-metade-mais-pobre>, acesso em 14/09/2020.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. [Os economistas] São Paulo: Nova Cultural, 1985.

HOBSBAWM, Eric. Guerra e paz no século XX. In: \_\_\_\_\_. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.21-35.

IELA. **Proibido esquecer Henry Reeve**. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/proibido-esquecer-henry-reeve>, acesso em 13/09/2020.

LAMRANI, Salim. **Fidel, o internacionalista solidário**. Disponível em: <https://convencao2009.blogspot.com/2015/04/fidel-castro-internacionalista-solidario.html>, acesso em 01/09/2020.

MARTÍ, José. **Nuestra América**, 1891.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Boitempo, vol. 1, 2ª edição, 2011.

DA DEMOCRACIA. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-nova-classe-trabalhadora>, acesso em 13/09/2020.

MENDES, Alberto Dias. **O Brasil entre a vassoura do político e o fuzil do guerrilheiro: Tramas da condecoração de Che Guevara nos meandros da Guerra Fria (1958-1973)**. Orientadora: Lená Medeiros de Menezes. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, 329f.

OPERA MUNDI. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/6018/hoje-na-historia-2005-furacao-katrina-devasta-nova-orleans>, acesso em 13/09/2020.

RAMONET, Ignacio. **Entrevista a Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Ignacio-Ramonet-a-pandemia-esta-evidenciando-a-criese-do-modelo-neoliberal-/4/48395>, acesso em 14/09/2020.

TOTA, Antonio Pedro. Vendo Tudo Vermelho: Paranoia e Anticomunismo. In: **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009. pp.175-229.